



AS PEQUENAS EMPRESAS E A INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA*

Leonor Nunes

Assistente do Departamento de Gestão e Economia da Universidade da Beira Interior.

Zélia Serrasqueiro

Professora Auxiliar do Departamento de Gestão e Economia da Universidade da Beira Interior.

Resumo

As empresas percorrem diversos estádios durante a sua existência. Em cada estádio as necessidades de informação são distintas. Estas necessidades de informação, assim como a importância atribuída à informação contabilística parecem relacionar-se com determinadas variáveis da empresa e do empresário/gestor: idade da empresa, sector de actividade, volume de negócios e número de trabalhadores, bem como a experiência e o nível da formação académica do empresário/gestor. No presente estudo, concluiu-se que as variáveis volume de negócios, experiência e nível de formação académica do empresário/gestor se encontram relacionadas com a importância atribuída à informação contabilística na tomada de decisão pelos empresários/gestores das pequenas empresas.

Palavras-chave: Informação contabilística, Ciclo de informação, Pequenas empresas.

1. INTRODUÇÃO

As empresas percorrem diferentes estádios durante a sua existência e os empresários e/ou gestores necessitam de aceitar o desafio presente em cada um dos estádios do ciclo de vida (McMahon *et al.*, 1993). O modelo do ciclo de vida, assenta no pressuposto que uma empresa apresenta determinadas regularidades, com base nas quais é possível segmentar o ciclo de vida em estádios distintos

* This paper was accepted for publication in this special issue of *Estudos de Gestão – Portuguese Journal of Management Studies*, as a result of a selection criterion that elected it as one of the most significant papers in its field, from those presented at XIVth Jornadas de Gestão Científica, in University of Azores, Ponta Delgada, Portugal. Therefore, it did not pass our ordinary double blind referee process as it happens in our regular issues.

(Gibb e Davies, 1990). Deste modo, a empresa prossegue os vários estádios, verificando alterações na passagem de um estádio para outro estádio do ciclo de vida (Peden, 1999).

Uma outra premissa, é que a gestão não consegue resolver todos os problemas que ocorrem num determinado estádio e deste modo alguns problemas transitam para o estádio seguinte (Gibb e Davies, 1990; Dodge e Robbins, 1992). Por esta razão, estes autores referem que os problemas podem transitar de estádio para estádio, ou então serem únicos num estádio particular.

Smith *et al.* (1985) sugerem um modelo de três estádios, enquanto modelos de quatro estádios são propostos por Kazanjian (1988), Quinn e Cameron (1983) e Hanks *et al.* (1994). Os modelos de cinco estágios são teorizados por Greiner (1972), Galbraith (1982), Churchill e Lewis (1983), Miller e Friesen (1984) e Scott e Bruce (1987). Consequentemente, verifica-se a inexistência de uniformidade em relação ao número de estádios dos modelos do ciclo de vida da empresa, implicando diferenças entre si na caracterização de cada um dos estádios.

Dodge e Robbins (1992) identificaram os problemas mais críticos e comuns em cada estádio do ciclo de vida das pequenas empresas, considerando para o efeito quatro estádios: formação, desenvolvimento, maturidade e estabilidade. Em cerca de 849 problemas identificados numa amostra de 364 pequenas e médias empresas, Dodge e Robbins (1992) concluíram que, os de natureza financeira representavam cerca de 16% no total, os de marketing cerca de 60%, e outros problemas de gestão cerca de 24%. De acordo com o mesmo estudo, os problemas não se distribuem uniformemente ao longo dos estádios, pois enquanto, os problemas financeiros dominam no estádio de formação, os de marketing são mais frequentes no estádio de formação e maturidade, e outros problemas relacionados com a gestão da empresa, persistem ao longo dos vários estádios do modelo do ciclo de vida.

O estudo de Dodge e Robbins (1992) permite verificar que as empresas têm vários tipos de problemas ao longo dos vários estádios do ciclo de vida. Entre os vários problemas verificados a nível financeiro, marketing e outros problemas de gestão, destacam-se a nível financeiro, os problemas relacionados com a ausência de sistemas de contabilidade e de registos históricos. Além disso, estes autores concluíram que este tipo de problemas financeiros é comum em qualquer um dos estádios do ciclo de vida.

Para Holmes *et al.* (1991) as empresas experimentam períodos de vida em que não há aquisição de informação, dado que nestes períodos é utilizada a informação preparada e/ou adquirida pela empresa em períodos anteriores de crescimento ou retrocesso. As empresas que iniciam um período de crescimento significativo normalmente adquirem informação de uma forma crescente para sustentar a tomada de decisão associadas no período de crescimento (Holmes *et al.*, 1991).

O estudo de Holmes *et al.* (1991) sugere que a aquisição/preparação da informação contabilística varia de acordo com o estágio do ciclo de vida em que a empresa se encontra. No entanto, Holmes e Nicholls (1998) referem que a aquisição/preparação da informação contabilística, varia de acordo com a dimensão da empresa, idade da empresa, sector de actividade, formação académica do empresário e/ou gestor. Por outro lado, Winborg (1996) analisou a relação existente entre a utilização das demonstrações financeiras (demonstração dos fluxos de caixa, mapa de origem e aplicação de fundos e demonstração de resultados/balanço) e a dimensão da empresa, o nível de formação académica e experiência do empresário e/ou gestor.

Deste modo, no presente estudo procura-se analisar o relacionamento entre a importância atribuída à informação contabilística na tomada de decisão pelos empresários e/ou gestores das pequenas empresas, e as variáveis relativas à empresa e ao empresário e/ou gestor. Para o efeito, definiram-se como variáveis relativas à empresa, as seguintes: dimensão (em termos do número de trabalhadores), volume de negócios, idade e sector de actividade da empresa. No que respeita às variáveis relativas ao empresário e/ou gestor, consideraram-se as seguintes: nível de formação académica e experiência em gestão de empresas.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 O ciclo de informação

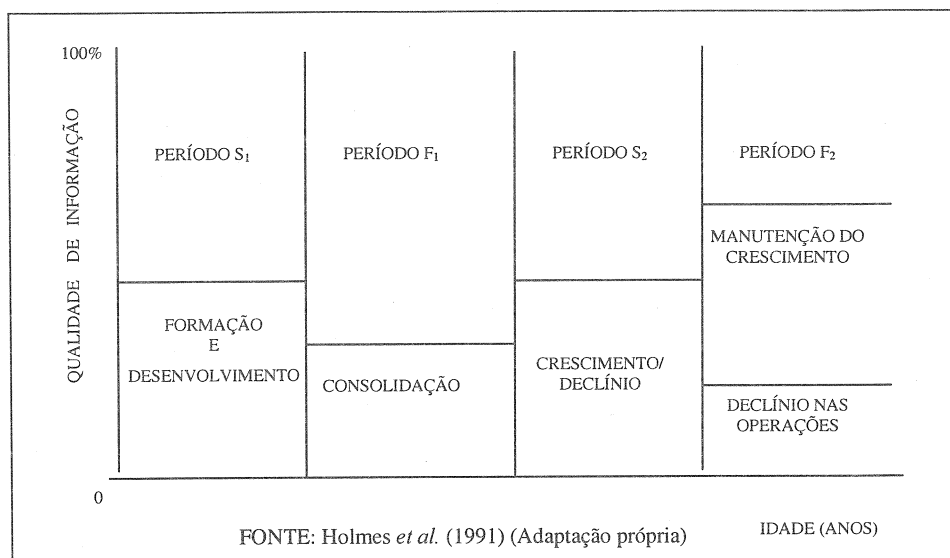
Os empresários e/ou gestores necessitam de informações para sustentar a tomada de decisão. A figura 1 mostra o aumento/diminuição das necessidades de informação das pequenas empresas, de acordo com os vários estádios (definidos por Holmes *et al.*, 1991) que a empresa atravessa, durante o seu ciclo de vida.

Segundo Holmes *et al.* (1991), no período S1 (correspondendo aos estádios de formação e desenvolvimento do ciclo de vida), a empresa requer mais informação, devido ao facto de estar a iniciar a sua actividade do que quando permanece desde há algum tempo no mercado.

Com o desenvolvimento do negócio, o nível de informação exigido para a empresa operar no mercado sofre um declínio (o nível de informação requerida estabiliza durante algum tempo no período S1 e depois move-se para F1), uma vez que os empresários e/ou gestores retêm a informação anteriormente adquirida (Holmes *et al.*, 1991). De acordo com o estudo de Winborg (1996), os empresários e/ou gestores das empresas, que se encontram no estágio de formação ou desenvolvimento, utilizam mais as demonstrações financeiras (demonstração dos fluxos de caixa, mapa de origem e aplicação de fundos e demonstração de

FIGURA 1

O ciclo de informação



resultados/balanço) na gestão da empresa do que os empresários e/ou gestores das empresas que se situam no estágio da maturidade.

As necessidades de informação estabilizam no período F1 (estádio da consolidação), até que a empresa passe ao estágio de crescimento ou a um declínio inesperado (período S2). Contudo, quando a empresa experimenta um período de crescimento significativo, os empresários e/ou gestores adquirem uma maior quantidade de informação de modo a assistir as decisões negociais (Holmes *et al.*, 1991). Segundo Churchill e Lewis (1983), quando as empresas atingem um estágio caracterizado por um forte crescimento, as operações tornam-se mais complexas, o que obriga à delegação de tarefas. Porém, se as operações se tornam mais complexas, a gestão informal é mais difícil e o uso da intuição deixa de ser o mais apropriado, sendo necessário o recurso à informação contabilística (Winborg, 1996).

Entretanto, após o período S2, a empresa pode entrar num período de estabilização do crescimento ou num período de declínio, sendo o nível de informação menor no período de declínio. Neste novo estágio (o período F2), o nível de informação será menor do que no período anterior (Holmes *et al.*, 1991).

Pela análise do ciclo de informação proposto por Holmes *et al.* (1991), verifica-se que as empresas nos primeiros estádios do ciclo de vida (formação e desenvolvimento), assim como no estágio caracterizado por um forte crescimento, apresentam necessidades de informação superiores, em relação aos restantes estádios. Winborg (1996) concluiu que os empresários e/ou gestores das empresas

em estádios do ciclo de vida mais avançados decidem mais frequentemente com base na experiência adquirida, e preferem o uso da intuição, ao uso de ferramentas formais de planeamento.

De acordo com Holmes *et al.* (1991), tanto os contabilistas como os empresários e/ou gestores podem obter benefícios, se analisarem o ciclo de informação. Por um lado, se os contabilistas identificarem o estágio do ciclo de informação dos clientes, o nível do serviço oferecido será maximizado, uma vez que poderão oferecer conselhos mais relevantes e atempados. Por outro lado, os empresários e/ou gestores, também obtêm benefícios se compreenderem o impacto do ciclo de informação e identificarem as necessidades de informação. Os empresários e/ou gestores podem ainda beneficiar, usando o modelo do ciclo de informação, para estimar o nível de informação usado pelos concorrentes com características similares.

As pequenas empresas deparam-se durante a sua existência com problemas a nível da área financeira, marketing e de outras áreas da gestão, necessitando conseqüentemente de informações. Contudo, algumas PME (pequenas e médias empresas) consideram as informações financeiras demasiado genéricas ou abstractas não sendo susceptíveis de aplicação na empresa (Huppert, 1983). Poucos são os dirigentes das PME que utilizam um grande número de documentos provenientes de organismos financeiros, organismos profissionais ou consultores, pelo que a gestão da documentação financeira constitui um critério pertinente para avaliar a maturidade da empresa (Huppert, 1983).

Deste modo, e sendo a informação contabilística uma fonte de informação, a sua utilização deve procurar a eliminação ou diminuição dos problemas, bem como fundamentar a tomada de decisão. Pois, como refere McMahon (1999) a informação contabilística, pode constituir uma mais valia para a gestão da empresa, desde o primeiro estágio do ciclo de vida, uma vez que interfere no desenvolvimento da empresa.

2.2 Elaboração e análise da informação contabilística

Para Lusvarghi (1996) os empresários e/ou gestores procuram um contabilista que trate apenas dos impostos, pois segundo o autor os empresários e/ou gestores não estão interessados na informação contabilística, mas sim no crescimento da empresa, em angariar recursos monetários e pagar o menor montante possível de impostos. Lusvarghi (1996) refere que esta visão está errada, porque os empresários e/ou gestores das pequenas empresas necessitam de informação contabilística. Refere, também que, à medida que a empresa cresce, o número de mercados servidos e produtos oferecidos aumenta, as dificuldades aumentam, e a necessidade de informação atempada e fidedigna é cada vez maior. No entanto, o empresário e/ou gestor devido à sua "mentalidade" e experiência, tende a subestimar a

informação contabilística, e o contabilista continua a ser encarado com um “Homem de Imposto” e não como “Homem de Apoio”. Lusvarghi (1996) considera que, quando a empresa atinge uma dimensão significativa é necessário uma mudança de “mentalidade”, em que o empresário e/ou gestor tem que ser alertado para a importância da informação contabilística na gestão da empresa.

Holmes e Nicholls (1988) e Holmes *et al.* (1991) analisaram a relação existente entre a aquisição e preparação da informação contabilística¹ nas pequenas empresas e as seguintes variáveis: dimensão da empresa, número de anos no mercado, sector de actividade e nível de formação do empresário e/ou gestor. No estudo de Winborg (1996) foi analisada a relação existente entre a utilização das demonstrações financeiras e as seguintes variáveis: dimensão da empresa, nível de formação e experiência do empresário e/ou gestor.

De acordo com Holmes e Nicholls (1988) e Holmes *et al.* (1991), à medida que o **tamanho da empresa** aumenta, tanto em número de empregados como em volume de vendas, a informação contabilística preparada/adquirida é maior, devido ao maior número de operações. Segundo Holmes e Nicholls (1988) este resultado contraria o ciclo de informação proposto por Holmes *et al.* (1991). Para Winborg (1996), quando o número de trabalhadores e o volume de negócios aumentam, a utilização das demonstrações financeiras aumenta, pois à medida que a empresa cresce torna-se mais difícil gerir a empresa sem a análise dos relatórios financeiros.

A quantidade de informação preparada/adquirida, também varia de acordo com o **número de anos da empresa no mercado**. As empresas com menos de dez anos no mercado preparam/adquirem mais informação contabilística, contrariamente às empresas com 11 a 20 anos de existência (Holmes e Nicholls, 1988; Holmes *et al.*, 1991). De acordo com o ciclo de informação, proposto por Holmes *et al.* (1991) as empresas nos primeiros anos de vida adquirem/preparam uma maior quantidade de informação, porém a informação requerida tende a declinar ou estabilizar após um novo estágio.

Segundo Holmes e Nicholls (1988) e Holmes *et al.* (1991), uma vez que as empresas em diferentes **sectores de actividade** operam em diferentes mercados, o nível de informação preparado/adquirido não é similar. As empresas da indústria transformadora, do sector financeiro, bem como do sector de serviços e distribuição, preparam/adquirem uma maior quantidade de informação contabilística, quando comparadas com as empresas dos sectores de transporte, construção e comércio retalhista.

De acordo com Holmes e Nicholls (1988) e Holmes *et al.* (1991), nem todos os empresários e/ou gestores têm habilidade e conhecimentos para interpretar e/ou utilizar informação contabilística detalhada. Deste modo, os empresários e/ou

¹ A informação contabilística, segundo o estudo de Holmes *et al.* (1991) e Holmes e Nicholls (1998), refere-se ao conjunto da informação produzida para fins obrigatórios e à informação produzida adicionalmente.

gestores que possuem um *nível de formação académica* superior são os que utilizam mais as demonstrações financeiras (Winborg, 1996), e segundo Holmes e Nicholls (1988) e Holmes *et al.* (1991) os que preparam/adquirem mais informação contabilística.

Segundo o estudo de Winborg (1996) os empresários e/ou gestores que utilizam as demonstrações financeiras, são os que possuem uma *experiência* inferior ou igual a três anos em gestão de empresas, contrariamente àqueles que possuem uma experiência superior ou igual a dez anos. Isto evidencia, segundo Winborg (1996), que a elevada experiência em gestão de empresas, faz com que o gestor acredite que não existe necessidade para a utilização das demonstrações financeiras, sugerindo que a experiência adquirida parece ter um papel mais relevante do que qualquer espécie de planeamento.

Elmore (1990) no seu estudo salienta que, por um lado, o tamanho da empresa (em termos do número de trabalhadores, volume de negócios e valor do activo), não tem uma relação significativa com a frequência da elaboração dos relatórios contabilísticos (demonstrações financeiras, reconciliações bancárias, relatórios de pessoal, relatórios de produção, entre outros), nem com o número de relatórios preparados. Segundo o mesmo autor, o tamanho da empresa, em termos do número de trabalhadores, apresenta uma relação significativa com o processo orçamental e de planeamento. Este resultado evidencia que, à medida que o tamanho da empresa aumenta, é necessário descentralizar as funções e proceder ao controlo, e assim, a elaboração dos orçamentos e o planeamento assumem maior importância. No entanto, convém salientar que, no estudo de Elmore (1990) foram retiradas da amostra as empresas que não tinham um contabilista interno, devido à inexistência de um sistema contabilístico de gestão.

Para Palmer e Hott (1995) existe uma associação positiva entre o grau de desempenho da empresa² e a importância atribuída à informação contabilística. Segundo estes autores as empresas que possuem um maior grau de desempenho, elaboram e analisam regularmente o balanço, a demonstração de resultados, as demonstrações financeiras previsionais, a rotação de existências, assim como os rácios financeiros.

3. METODOLOGIA

3.1 Hipóteses de investigação

As empresas de menor dimensão (com menos de dez trabalhadores) ou de fraco crescimento parecem ter uma necessidade de informação contabilística menor

² No estudo de Palmer e Hott (1995) o desempenho da empresa, foi medido através das seguintes variáveis: longevidade, quota de mercado e lucros da empresa.

do que as empresas de grande dimensão ou de crescimento elevado, devido à complexidade e à dimensão das operações. Além disso, as empresas de maior dimensão dispõem de mais recursos para a preparação ou aquisição de informação contabilística (Holmes *et al.*, 1991). Dado que a dimensão parece ser uma variável determinante na importância atribuída à informação contabilística, levantou-se a primeira hipótese de investigação:

(Hipótese) H1: *Existe um relacionamento significativo entre o número de trabalhadores e o volume de negócios da empresa e a importância atribuída à informação contabilística na tomada de decisão.*

De acordo com Holmes *et al.* (1991) a idade da empresa contribui para delimitar os estádios do ciclo de vida e ao mesmo tempo os estádios do ciclo de informação. Deste modo, no início de actividade os empresários e/ou gestores das pequenas empresas necessitam de mais informação, contudo uma vez adquirida e utilizada na tomada de decisão, passam a adquirir menos informação. Consequentemente, a idade da empresa parece relacionar-se com o nível de informação contabilística adquirida e/ou preparada pela empresa, formulando-se a segunda hipótese de investigação:

H2: *Existe um relacionamento significativo entre a idade da empresa e a importância atribuída à informação contabilística na tomada de decisão.*

Considerando que os sectores de actividade implicam diferenciação entre as empresas a nível dos mercados de matérias-primas, bem como de mercados de produtos/serviços, gerando necessidades diferentes de informação contabilística às empresas, coloca-se a terceira hipótese de investigação:

H3: *Existe um relacionamento significativo entre o sector de actividade da empresa e importância atribuída à informação contabilística na tomada de decisão.*

O nível de formação académica dos empresários e/ou gestores, assim como a sua experiência, influencia quer a quantidade quer a qualidade de informação procurada para fundamentação da tomada de decisão (Winborg, 1996). Deste modo, levantou-se a quarta hipótese de investigação:

H4: *Existe um relacionamento significativo entre a experiência e o nível de formação académica do empresário e/ou gestor e a importância atribuída à informação contabilística na tomada de decisão.*

3.2 Amostra de investigação

Com o propósito de analisar a importância atribuída à informação contabilística nas pequenas empresas, enviaram-se inquéritos por questionário por correio a

uma amostra de pequenas empresas³ do Distrito de Castelo Branco, seleccionada a partir de uma listagem fornecida pelo Núcleo Empresarial da Região de Castelo Branco. Deste modo, enviaram-se questionários a 319 pequenas empresas, tendo sido recebidos 66 questionários devidamente preenchidos. No entanto, foi necessário eliminar 5 questionários devido ao facto de estarem incompletos, e foram devolvidos 17 questionários devido à mudança de endereço de algumas empresas e ao encerramento de outras. A taxa de resposta daí resultante foi de 21,8%.

Da análise dos resultados, verifica-se que a maioria das empresas da amostra final pertencem à indústria transformadora e ao comércio por grosso e a retalho, são na sua maioria sociedades por quotas, e têm idades compreendidas entre os 11 e 43 anos.

O questionário apresenta-se composto por questões relacionadas com variáveis genéricas da empresa (número de empregados, volume de negócios, sector de actividade), variáveis relacionadas com o empresário e/ou gestor (idade, formação académica, experiência em gestão de empresas) e com variáveis relativas à importância da informação contabilístico/financeira.

Os dados obtidos a partir dos questionários recebidos das empresas foram sujeitos a tratamento estatístico pelo recurso ao SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*). Realizaram-se testes estatísticos univariados, bivariados e multivariados de forma a caracterizar a amostra final de investigação e a suportar a aceitação/rejeição das hipóteses de investigação.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Variáveis genéricas da empresa

As variáveis genéricas da empresa, consideradas no presente estudo foram: sector de actividade, número de trabalhadores, volume de negócios e idade da empresa no mercado. Os resultados dos testes estatísticos de diferenças entre empresas, na importância atribuída à informação contabilística, permitiram verificar diferenças significativas, ao nível de significância estatística de 0,1 (com base no teste *Kruskal – Wallis*), para a variável volume de negócios. Em relação às restantes variáveis, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas. Apesar de se verificarem diferenças significativas, apenas em relação ao volume de negócios, optou-se por analisar a relação entre as restantes variáveis e a importância atribuída à informação contabilística, conforme o Quadro 1.

³ Na selecção das pequenas empresas, o critério utilizado foi o do número de trabalhadores, ou seja, no presente estudo, considerou-se que pequena empresa é a que possui menos de 50 trabalhadores.

QUADRO 1

Importância da informação contabilística segundo as variáveis genéricas da empresa

VARIÁVEIS GENÉRICAS DA EMPRESA	IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA NA TOMADA DE DECISÃO			
	Nº de empresas	Média	Desvio padrão	Mediana
Dimensão (nº de trabalhadores)				
[0-9 trab.]	22	4,5	0,9	5
[10-25 trab.]	24	4,7	0,6	5
[26-49 trab.]	18	4,7	0,7	5
Volume de negócios (em €)				
[0 – 3 500 000[42	4,5	0,8	5
[3 500 000 - 7 000 000[4	5,0	0,0	5
≥7 000 000	5	5,0	0,0	5
Idade da empresa				
0-5 anos	2	4,0	1,4	4
6-10 anos	4	4,3	1,0	4,5
11-20 anos	18	4,7	0,5	5
21-43 anos	23	4,5	0,9	5
44-64 anos	2	4,0	0,0	4
65-85 anos	2	4,5	0,7	4,5
Sector de actividade				
Indústrias transformadoras	19	4.47	0.9	5
Construção	2	4.50	0.7	4.5
Comércio por grosso e a retalho	21	4.62	0.6	5
Alojamento e restauração (restaurantes e similares)	6	4.67	0.5	5
Act. imobiliárias, alugueres e serv. prestados às empresas	3	5.00	0.0	5
Outras	3	4.67	0.5	5

Os valores estão calculados, com base numa escala numérica de 5 pontos (1 – nada importante a 5 - muito importante)

Da análise do Quadro 1, sobre a importância da informação contabilística segundo as variáveis genéricas da empresa, verifica-se que são as microempresas (0 a 9 trabalhadores), que menor importância atribuem à contabilidade. No que concerne, ao volume de negócios, são as empresas com um volume de negócios inferior a 3.500.000 € que atribuem menor importância à informação contabilística, comparativamente com as restantes empresas.

Conforme o Quadro 2, constata-se que todas as empresas que têm um volume de negócios superior e igual a 3.500.000 €, consideram a contabilidade muito importante, enquanto que 81% das empresas com um volume de negócios inferior a 3.500.000 €, atribuem o grau de bastante/muito importante. Holmes e Nicholls (1988) e Holmes *et al.* (1991), nas suas investigações encontraram resultados semelhantes, no que respeita à preparação/aquisição da informação contabilística.

QUADRO 2

Importância da contabilidade segundo as variáveis genéricas da empresa

VARIÁVEIS GENÉRICAS		IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA NA TOMADA DE DECISÃO				
		Pouco importante	Relativamente importante	Bastante importante	Muito importante	Total
Volume de negócios	[0 - 3 500 000[1 ^(a) 2,4% ^(b)	4 9,5%	11 26,2%	26 61,9%	42 100,0%
	[3 500 000 - 7 000 000[-	-	-	4 100,0%	4 100,0%
	≥7 000 000	-	-	-	5 100,0%	5 100,0%

(a) Número de empresas; (b) Percentagem em linha.

Estes resultados, podem estar relacionados com o facto de, como refere Winborg (1996), à medida que as empresas aumentam, tanto em volume de negócios como em número de trabalhadores, as operações aumentam e, por conseguinte, tornam-se mais complexas. Logo, a gestão informal é mais difícil e a tomada de decisão intuitiva, deixa de ser a mais apropriada, sendo necessário o empresário e/ou gestor recorrer à informação contabilística, para sustentar a tomada de decisão. Desta forma, e à semelhança de Winborg (1996), à medida que a empresa cresce torna-se mais difícil gerir a empresa, sem o apoio dos relatórios financeiros e contabilísticos.

Relativamente, à importância atribuída à informação contabilística segundo a idade da empresa, e apesar dos testes de diferenças não apresentarem resultados significativos, verifica-se que existem variações. As empresas que dão mais importância à informação contabilística, são as empresas que têm entre 11 e 20 anos de existência, contrariamente às empresas que têm menos de 5 anos e às que têm entre 44 e 64 anos de vida (Quadro 1). Estes resultados, não estão de acordo com os estudos de Holmes e Nicholls (1988) e Holmes *et al.* (1991), em que as empresas com menos de 10 anos no mercado, preparavam mais informação contabilística, devido às necessidades acrescidas de informação nos primeiros anos de vida, inversamente às empresas que têm entre 11 a 20 anos de vida.

No que respeita à importância atribuída à informação contabilística segundo o sector de actividade, os testes revelam que não existem diferenças significativas. No entanto, verifica-se que as empresas que pertencem à secção da Classificação das Actividades Económicas (CAE), actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas, são as que atribuem em média, um grau de muito importante à informação contabilística (média de 5), conforme Quadro 1. De acordo com o estudo de Holmes e Nicholls (1988), são as empresas do ramo da

transformação, serviços e distribuição, que adquirem/preparam uma maior quantidade de informação contabilística, contrariamente às empresas de transportes, construção e retalhistas.

4.2. Variáveis relativas ao empresário/gestor

No que concerne, às variáveis relativas ao empresário e/ou gestor, e com o intuito de verificar se existiam diferenças significativas entre empresas na importância atribuída à informação contabilística, aplicou-se o teste não paramétrico *Kruskall – Wallis*, registando-se diferenças significativas em relação ao número de anos com experiência em gestão de empresas (nível de significância de 0,1) e ao nível de formação do empresário e/ou gestor (nível de significância de 0,05).

Nas pequenas empresas, e segundo vários estudos (Barton e Matthews, 1989; Levin e Travis, 1987; Hankinson *et al.*, 1997), não é frequente a separação de responsabilidades, entre a gestão e a propriedade. Esta inexistência de separação, segundo Costa e Alves (2001) contribui para que a informação contabilística assumam um menor destaque. No entanto, a maioria das pequenas empresas, caracteriza-se pela deficiência de recursos humanos nas várias áreas da gestão, originando que o proprietário encontre dificuldades na gestão da empresa, devido à existência de actuação sobreposta e dificuldade em delegar tarefas e responsabilidades (Coates e Borgia, 1996; Hankinson *et al.*, 1997; Kassai, 1997).

Da análise do Quadro 3 e à semelhança do estudo de Winborg (1996), verifica-se que à medida que aumenta a experiência do empresário e/ou gestor (em número de anos), este tende a considerar menos importante a informação contabilística. Quando o empresário e/ou gestor possui menos de 10 anos de experiência em gestão de empresas, considera a informação contabilística mais importante. Conforme o ciclo de informação, de Holmes *et al.* (1991) nos primeiros anos, as necessidades de informação são superiores, devido ao início da actividade. No entanto, a elevada experiência em gestão, pode fazer com que o gestor valorize a experiência adquirida na tomada de decisão, em detrimento da informação contabilística (Winborg, 1996). Pois, a experiência acrescida em gestão, pode fazer com que o gestor se sinta mais “seguro” na tomada de decisão intuitiva, e por isso, não considere essencial a informação contabilística para assistir a tomada de decisão.

De acordo com várias investigações (Bryan e Friedlob, 1984; Page, 1984; Bitner e Powell, 1990; McMahan *et al.*, 1993; Lusvarghi, 1996; Hankinson *et al.*, 1997; Kassai, 1997; Marriott e Marriott, 2000), a maioria dos empresários e/ou gestores detém conhecimentos limitados em gestão, nomeadamente em contabilidade e finanças, e então, têm dificuldades em interpretar e analisar a informação contida, nos vários documentos contabilísticos. Deste modo, se os empresários e/ou gestores possuem dificuldades em compreender e analisar os

vários documentos contabilísticos, estes podem ter, em princípio pouca predisposição em utilizar a informação contabilística na tomada de decisão.

QUADRO 3

Importância da informação contabilística segundo as variáveis do empresário/gestor

VARIÁVEIS DO EMPRESÁRIO/GESTOR	IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA NA TOMADA DE DECISÃO					
	Pouco importante	Relativamente importante	Bastante importante	Muito importante	Total	Média
Nível de formação do empresário/gestor						
Ensino básico	-	3 ^(a) 13,6% ^(b)	3 13,6%	16 72,7%	22 100,0%	4,6 ¹
Ensino secundário	1 5,6%	1 5,6%	6 33,3%	10 55,6%	18 100,0%	4,4
Ensino superior	-	1 5,3%	-	18 94,7%	19 100,0%	4,9
Outro	-	-	3 60,0%	2 40,0%	5 100,0%	4,4
Número total de anos com experiência em gestão de empresas						
0 - 10 anos	-	1 11,1%	-	8 88,9%	9 100,0%	4,8
11 - 20 anos	-	0 0,0%	5 38,5%	8 61,5%	13 100,0%	4,6
21 - 30 anos	-	2 10,0%	2 10,0%	16 80,0%	20 100,0%	4,7
+ 30 anos	1 9,1%	1 9,1%	4 36,4%	5 45,5%	11 100,0%	4,2

(a) Número de empresas; (b) Percentagem em linha.

¹Os valores estão calculados, com base numa escala numérica de 5 pontos (1 – nada importante a 5- muito importante)

Conforme análise do Quadro 3 verifica-se que 94,7% dos empresários e/ou gestores, com nível de formação superior, consideram muito importante a informação contabilística para assistir a tomada de decisão, enquanto 88,9% dos que possuem formação secundária e 86,3% dos que possuem formação básica, atribuem um grau de bastante/muito importante à informação contabilística. Os empresários e/ou gestores com um nível de formação superior, são os que valorizam mais a informação contabilística na tomada de decisão (média de 4,9). Pois, como refere Winborg (1996) aprenderam, durante os seus estudos, a importância e a lógica contabilística. Estes resultados estão de acordo com os encontrados nos estudos de Holmes e Nicholls (1988), Holmes *et al.* (1991) e Winborg (1996).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho procurou-se analisar a relação existente entre as variáveis: número de trabalhadores, volume de negócios da empresa, idade da empresa no

mercado, sector de actividade da empresa, e o nível de formação académica e a experiência do empresários e/ou gestores da empresa. Procurou-se, ainda confrontar o ciclo de informação proposto por Holmes *et al.* (1991), definido em termos da variável idade da empresa, assim como a importância atribuída à informação contabilística.

Os resultados parecem evidenciar que, quando a dimensão da empresa aumenta, em termos de *volume de negócios*, o empresário e/ou gestor tem necessidade de recorrer à informação contabilística para auxiliar a tomada de decisão. Este resultado, pode relacionar-se com o facto de, à medida que a dimensão das empresas aumenta em termos do volume de negócios, as operações da empresa aumentam e tornam-se mais complexas. Nesta situação, a gestão informal torna-se mais difícil, a tomada de decisão intuitiva deixa de ser a mais apropriada, realçando-se deste modo, a importância da informação contabilística na tomada de decisão.

No que diz respeito, às restantes variáveis genéricas da empresa: sector de actividade, número de trabalhadores, bem como idade da empresa não foi possível verificar a sua influência, na importância atribuída à informação contabilística.

Os empresários e/ou gestores, que possuem menos *experiência* em gestão de empresas (medida em termos do número de anos) e/ou um *nível de formação* académica superior, atribuem mais importância à informação contabilística. Este resultado parece evidenciar que, quando o empresário e/ou gestor possui mais experiência, tem tendência para tomar as decisões com base na intuição, valorizando mais a experiência adquirida, do que os dados fornecidos pela contabilidade. Os empresários e/ou gestores que possuem um nível de formação académica superior dão mais relevância à contabilidade, talvez porque aprenderam a lógica contabilística e a importância da informação contabilística, durante os seus estudos.

Em suma, verifica-se que existe um relacionamento entre a importância atribuída à informação contabilística na tomada de decisão, com a variável da empresa representativa do volume de negócios, assim como com as variáveis referentes à experiência e ao nível de formação académica dos empresários e/ou gestores.

Bibliografia

- BARTON, Sidney L., e, MATTHEWS, Charles H. (1989); "Small Firm Financing: Implications from a Strategic Management perspective", Journal of Small Business Management, January, Vol. 27, Nº 1, pp. 1-7.
- BITNER, Larry N. e POWELL, Judith D. (1990); "So Your Clients Think They're Successful", The National Public Accountant, November, pp. 20-23.
- BRYAN, E. Lewis e FRIEDLOB, G. Thomas (1984); "Financial Management and Capital Formation in Small Business", Journal of Small Business Management, Julho, pp. 73-75.
- CHURCHILL, N., and LEWIS, V.L. (1983); "The Five Stages of Small Business Growth", Harvard Business Review, Vol. 61, Nº 3, pp. 30-50.
- COATES, Dennis e BORGIA, Carl R. (1996); "An Opportunity for Developing a Small Business Accounting Practice", The Ohio CPA Journal, June, pp. 33-35.
- COSTA, Carlos B. e ALVES, Gabriel C. (2001); Contabilidade Financeira, Editora Rei dos Livros, 4ª edição, Lisboa.
- DODGE, H. Robert e ROBBINS, John E. (1992); "An Empirical Investigation of the Organizational Life Cycle Model For Small Business Development and Survival", Journal of Small Business Management, Vol. 30, Nº 1, pp. 27-37.
- ELMORE, Robert C. (1990); "The Linkage Between Organizational Size and the Management Accounting System", Akron Business and Economic Review, Vol. 21, Nº 3, Fall, pp. 69-80.
- GALBRAITH, Jay (1982); "The Stages of Growth", Journal of Business Strategy, 3 (1), 70-79.
- GIBB, Allan e DAVIES, Les (1990); "In Pursuit of Frameworks for the Development of Growth Models of the Small Business", International Small Business Journal, Vol. 9, Nº 1, pp. 15-31.
- GREINER, Larry E. (1972); "Evolution and Revolution as Organisations Grow", Harvard Business Review, July/August.
- HANKINSON, Alan; BARTLETT, David e DUCHENEAUT, Bertrand (1997); "The key factors in the small profiles of small-medium enterprise owner-managers that influence business performance", Inte Jnl of Entrepreneurial Behavior & Research, Vol. 3, Nº 4, pp. 168-175.
- HANKS, Steven H., WATSON, C. J., JANSEN, E. e CHANDLER, G. N. (1994); "Tightening the Life-Cycle Construct: A Taxonomic Study of Growth Stage Configurations in High-Technology Organisations", Entrepreneurship Theory and Practice, 18 (2).
- HOLMES, Scott e NICHOLLS, Des (1988); "An Analysis of the Use of Accounting Information by Australian Small Business", Journal of Small Business Management, Vol. 26, Nº 2, pp. 57-68.
- HOLMES, Scott; KELLY, Gary e CUNNINGHAM, Ross (1991); "The Small Firm Information Cycle: A Reappraisal", International Small Business Journal, Vol. 9, Nº 2, pp. 41-53.
- HUPPERT, Remy (1983); "Les attitudes générales et les comportements des financiers de petites entreprises en matière d' autofinancement et d' endettement", Revue du Financier, Nº. 28, pp.6-79.
- KASSAI, Silvia (1997); "As Empresas de Pequeno Porte e a Contabilidade", Caderno de Estudos, São Paulo, FIECAFI, v. 9, nº 15, Janeiro/Junho.
- KAZANJIAN, Robert K. (1988); "Relation of Dominant Problems to Stages of Growth in Technology-Based New Ventures", Academy of Management Journal, 31 (2), 257-279.
- LEVIN, Richard I. e TRAVIS, Virginia R. (1987); "Small company finance: what the books don't say", Harvard Business Review, Vol. 65, Nº 6, pp. 30-32.
- LUSVARGHI, Vittorio (1996); "The Role of the Management Accountant in Small and Medium-sized Companies", in www.ifac.org.
- MARRIOTT, Neil e MARRIOTT, Pru (2000); "Professional accountants and the development of a management accounting service for the small firm: barriers and possibilities", Management Accounting Research, nº 11, pp. 475-492.
- MCMAHON, Richard G. P.; HOLMES, Scott; HUTCHINSON, Patrick J. e FORSAITH, David M. (1993); "Small enterprise financial management – Theory & Practice", Harcourt Brace & Company, Australia.

- MCCMAHON, Richard G. P. (1999); "Growth and Performance of manufacturing SMEs: The Influence of Financial Management Characteristics", Working Paper N° 1441-3906, Research paper Series 99-1, School of Commerce, The Flinders University of South Australia.
- MILLER, Danny e FRIESEN, Peter H. (1984); "A Longitudinal Study of the Corporate Life Cycle", Management Science, 30 (10), 1161-118.
- PAGE, Michael J. (1984); "Corporate Financial Reporting and the Small Independent Company", Accounting and Business Research, Verão de 1984.
- PALMER, Kristine e HOTT, David (1995); "A Comparative Study of the Accounting Practices Utilized by Microretail Owner-Managers in Rural South-Side Virginia", Southwest Small Business Institute Association - SSBIA.
- PEDEN, Vicki S. (1999); "Life Cycle as a predictor of going concern and bankruptcy", Western Decision Sciences Institute, 28th Annual Meeting, Conference Proceedings.
- QUINN, R. E., e CAMERON, K. (1983) Organisational Life Cycles and Shifting Criteria of Effectiveness: Some Preliminary Evidence, Management Science, 29, January 33-51.
- SCOTT, Mel e BRUCE, Richard (1987) Five Stages of Growth in Small Business, Long Range Planning, 20 (3), 45-52.
- SMITH, Ken G., MITCHELL, Terence R. e SUMMER, Charles E. (1985) "Top Level Management Priorities in Different Stages of the Organisational Life Cycle", Academy of Management Journal, 28 (4), 799-820.
- WINBORG, Joakim (1996); "Financial Planning Activity in Small Firms – The Use of Formal Financial Budgets", International Council on Small Business, 41st World conference – Stockholm, June, pp. 16-19.

Abstract

Firms progress along several life-cycle stages, There are different informational needs, in each life-cycle stage. These informational needs and the importance of accounting information given by the firms seem to be related to several variables of the firm (firm's age, industrial sector, annual turnover and number of employees) as well as to the variables of the entrepreneurs/managers (management experience and academic level). The results of the present study suggest that the variables firm's annual turnover, entrepreneur/manager's management experience and academic level are related to the importance of the accounting information given by the small firms' entrepreneurs/managers in the decision making.

Key Words: Accounting information, Informational cycle; Small firms.
